



Modalidade feminina luta por espaço

Larissa Coutinho, de 17 anos, joga no Vasco e tem uma rotina intensa. Moradora de Araruama, persiste para realizar sonho de vestir a amarelinha. **PÁGINA 11**



LENA TRINDADE

PÁGINA 8

Um olhar em prol da ecologia

Universidade contribui para acervo digital de fotografia sobre aves

Medidor de expansão de pele facilita processo para médicos

Aparelho inovador chama a atenção pela simplicidade na forma de uso

Pesquisas realizadas pela coordenadora do Laboratório de Membranas e Biomembranas, Djenane Pamplona, serviram de base para a criação do medidor

de expansão de pele. O aparelho permite monitorar, de forma precisa, a pressão exercida sob a pele em procedimentos em que ela precisa ser expandida

para uma posterior cirurgia plástica. A terceira versão do aparelho tem um design moderno e um cartão de memória que, atualmente, grava as informações de

até cinco pacientes. O processo de expandir a pele é usado em reconstruções mamárias e recuperação de vítimas de queimadura. **PÁGINA 3**

Radiografia do sistema educacional

Professora titular do Departamento de Educação Ana Waleska Pollo Campos Mendonça analisa os mecanismos por trás do ensino brasileiro. Ela comenta o fenômeno das ocupações nas escolas da rede pública pelo país, a falta de investimentos na infraestrutura e suporte, a má administração de recursos e a pouca valorização do professor. **PÁGINA 5**



ORLANDO BRITO

No palco de Brasília, doutor Ulysses atravessou tanto a ditadura quanto a democracia como ator principal

Os cem anos de Ulysses Guimarães

Uma das principais lideranças na promulgação da Constituição, Ulysses Guimarães completaria um século de vida em 2016. Morto em 1992, ele foi também um opositor ao Regime Militar. Durante a trajetória política, Ulysses lutou pela redemocratização do país. **PÁGINAS 6 E 7**

Formação, leitura e cidadania

A Cátedra UNESCO de Leitura da PUC-Rio completa dez anos. Além de incentivar a leitura, ela desenvolve projetos sociais relacionados à cultura e à cidadania. O acervo é composto por 17 mil títulos infantis, e considerado uma das maiores bibliotecas do gênero na América Latina. **PÁGINA 9**



GABRIEL MOLON

Érico Braga, coordenador da Cátedra, destaca a importância da causa

Física conectada aos demais saberes

Professor Fernando Lázaro Freire Junior é renomeado diretor do Departamento de Física. Atento à formação de profissionais ca-

pacitados, e a favor da interdisciplinaridade, ele conduz experiências baseadas na aplicação de novas estruturas. **PÁGINA 4**

REITOR

Nesta edição, o Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., valoriza o conhecimento gerado nos vários projetos desenvolvidos pela PUC-Rio que contribuem para a melhoria da produção científica, do ensino, da inovação e do aumento de patentes em nosso país. **PÁGINA 2**

REITOR

A riqueza do conhecimento e da inovação



Segundo dados recentes da Confederação Nacional da Indústria, nas últimas décadas mais da metade da riqueza mundial foi gerada pelo conhecimento, superando outras parcelas atribuídas aos fatores de produção tradicional como recursos naturais, capital, trabalho etc. Nos países ricos, o investimento é maior em ativos intangíveis como capital humano, pesquisa científica, P&D de produtos, desenvolvimento de mercados, eficiência de governança, entre outros. Dados Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) (2013) nos mostram que no Brasil, a falta de inovação tem comprometido uma maior inserção global do país, pois apesar de ocuparmos o 9º lugar na economia mundial, estamos em 70º lugar em inovação. Fontes da *World Economic* (2015/16) revelam que caímos 18 posições no ranking global de competitividade, e entre os BRICS, estamos em 75º lugar, atrás da China (28º), Rússia (45º), África do Sul (49º) e Índia (55º). Mas a pergunta que se faz é a seguinte: o que a educação tem a ver com isso? Se analisarmos a partir da óptica da baixa capacidade de inovação, vamos verificar que temos uma baixa qualidade da educação básica, uma reduzida oferta de ensino profissional e pouca proximidade do ensino superior com a indústria, exceto algumas Universi-

dades. É curioso que a produtividade do Brasil cresceu apenas 4% nos últimos 14 anos, ao contrário da Alemanha, Estados Unidos e a Coreia do Sul. Basta ver as patentes, onde produzimos poucas e com alto custo. Enquanto a África do Sul, país parceiro nos BRICS, produziu em 2008 um total de 5.331 patentes com um investimento P&D/patentes de 0,88 milhões de dólares, o Brasil produziu em 2010 apenas 785 patentes, com o investimento P&D/ patentes em 33,75 milhões de dólares, segundo fonte do Banco Mundial. Se compararmos as poucas patentes em relação ao volume de publicações científicas, vamos verificar que estamos muito atrás de outros países, tanto dos chamados desenvolvidos, como também dos BRICS. Na China, a relação entre patentes e artigos científicos é de 0,658; na Índia é de 0,086, e no Brasil é 0,024, segundo fonte do MCTI.

Na Universidade esta inovação está muito relacionada com a participação na indústria, sobretudo nas áreas de engenharias, pois os dados do MCTI nos mostram que, enquanto nos Estados Unidos 65% dos engenheiros doutores estão nas empresas, no Brasil, 95% deles estão nas Universidades e somente 1,7% nas empresas. Outro dado que também nos preocupa no Brasil, com relação às engenharias, é a diferença entre o aumento do número de matrículas e a redução do

número de concluintes, isto se compararmos com outras áreas como ciências sociais, direito, educação, saúde etc. Segundo fonte do OCDE/ MEC, o número de engenheiros formados no Brasil é menos de 1/3 da média da Organização para Cooperação Internacional para o Desenvolvimento Econômico. Isto nos revela o quanto temos que reforçar o nosso ensino de engenharia, repensando e adaptando os nossos currículos e diminuindo a defasagem entre o ensino nos cursos e as inovações exigidas nas empresas. Vamos aproveitar as experiências positivas que temos feito nas engenharias na PUC-Rio, aprofundando nos avanços do novo marco legal da inovação (Lei 13.243/16) para estreitar cada vez mais a relação entre Universidade e empresa, mesmo sabendo que precisamos evoluir muito na regulamentação desta Lei.

Que saibamos também valorizar o conhecimento que tem sido gerado nos Departamentos, no Instituto Gênese, na Empresa Júnior, no Tecgraf, nas Unidades Complementares, e nos vários projetos de pesquisa desenvolvidos na PUC-Rio, pois estes contribuem para a melhoria de nosso país na produção científica, no aumento das patentes, e na melhoria do ensino e da inovação.

■ PE. JOSAFÁ CARLOS DE SIQUEIRA, S.J.
REITOR DA PUC-RIO

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA PUC-RIO

Reforçar o que deveria nos unir

Embora a PUC-Rio seja uma Universidade Católica, a nossa Universidade sempre ficou aberta para acolher estudantes, professores e funcionários de outras denominações religiosas. De fato, no caso dos nossos estudantes, apenas 55% se declaram católicos ao entrar na PUC. Ao redor de 22% pertencem a outras denominações religiosas: protestantes ou pentecostais, espíritas, judeus, religiões afro-brasileiras, etc. Porém, 23% dos estudantes que entram na PUC se declaram sem-religião. Isso não significa necessariamente que sejam ateus, mas que não professam nenhuma confissão religiosa em particular.

Nesse contexto, o que pode e deveria unir os nossos estudantes, além de interesses puramente acadêmicos ou da natureza profissional, não é apenas a religião ou o respeito pelas crenças dos outros, mas, sobretudo, princípios e valores nos quais os cristãos e católicos acreditamos, mas nos quais outros pertencentes a outras confissões religiosas, e até aqueles que não professam nenhuma religião específica com frequência também acreditam. Isso é relevante para os que estudam atualmente na PUC, mas também para os nossos antigos alunos. Entre esses princípios e valores merece prioridade o sentido de justiça que é a primeira exigência do amor. Para

os cristãos o amor é a sua vez a primeira exigência da fé. Fatos recentes revelam a grande necessidade no nosso país desse sentido de justiça, sobretudo em relação aos mais pobres e necessitados. É essa falta de amor e de justiça que explica essa corrupção e falta de ética que estamos testemunhando.

A PUC-Rio não seria fiel às suas origens se não contribuísse para reforçar esses princípios e valores entre seus alunos. O sentido de amor e de justiça social deveria ser o principal distintivo dos que se formaram na nossa Universidade.

■ PE. FRANCISCO IVERN, S.J.
VICE-REITOR

CRÔNICAS DE MEMÓRIA

250 anos de PUC-Rio

Antônio, Fotógrafo

WEILER FILHO/ACERVO NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO



Antônio Albuquerque registra a Universidade em todas as suas escalas (2010)

Todos que passaram pelo *campus* nos últimos 50 anos já atravessaram os passos de Antônio Albuquerque. De personalidade cativante e atenciosa, presenciou boa parte da construção do que hoje conhecemos como a PUC-Rio e rememora com detalhes cada fase. Lembra com orgulho seu primeiro dia de trabalho como auxiliar de biblioteca, em 1966. Veio de Recife morar com um tio, e chegou à Universidade quando a Biblioteca mudava de uma pequena casa para novas instalações na Ala Kennedy.

Com o primeiro salário comprou uma máquina fotográfica Kodak Rio 400. Começou a registrar eventos na Biblioteca e frequentou como ouvinte aulas de fotografia no curso de Comunicação. Trabalhou em laboratórios de Letras e Comunicação Social, e no setor de Segurança e Parqueamento. Em 2008, o Núcleo de Memória convidou-o a colaborar com seu conhecimento sobre a PUC-Rio para a montagem e identificação do acervo, formado em grande parte por fotos de sua autoria.

Por suas lentes nossa memória é registrada. Fotogra-

fou casamentos, batizados, construções, eventos acadêmicos, e personalidades, lembradas por ele com orgulho: Papa João Paulo II, Umberto Eco, Clarice Lispector.

Considera que a vivência na Universidade contribuiu para sua formação: “Nesse tempo todo você absorve uma cultura. É uma energia sempre em mutação. Quando você vê os jovens entrando aqui na Universidade, e quando os vê recebendo o diploma, essa transição é absorvida também por quem está próximo.”

Antônio casou-se e batizou seus filhos na capela da Universidade: “Quando meus filhos passaram no vestibular aqui, foi uma alegria muito grande.”

Hoje, sente-se feliz por voltar a trabalhar intensamente com fotografia: “Muitos disseram para eu jogar fora meus negativos antigos, que eles já haviam servido ao seu propósito, mas eu re-lutava. A preservação desse material foi e é uma imensa satisfação.” E, para a PUC-Rio, é um patrimônio.

■ CLÓVIS GORGÔNIO E MILENA PEREIRA
NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO

JORNAL DA PUC

Publicação quinzenal editada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

COMUNICAR - Coordenador-Geral: Prof. Cesar Romero Jacob. Coordenadora-Adjunta: Profª. Julia Cruz. Coordenadora-Administrativa: Rita Luquini.

JORNAL DA PUC - Jornalista Responsável e Editora: Profª. Julia Cruz (MTE 19.374). Subeditora e Chefe de Reportagem: Profª Adriana Ferreira. Projeto Gráfico e Diagramação: Profª. Mariana Eiras. Ilustração: Prof. Diogo Maduell. Conselho Editorial: Professores Adriana Ferreira, Augusto Sampaio, Cesar Romero, Fernando Ferreira, Julia Cruz e Miguel Pereira. Anúncios produzidos pela Agência.Com. Redação e Administração: Rua Marquês de S. Vicente, 225, 401-K, 22451-900, Gávea, RJ. Telefone: 3527-1140. E-mail: impresso.comunicar@puc-rio.br. Impressão: gráfica Folha Dirigida.

Saúde: Equipamento é utilizado em estudos sobre próteses mamárias e na recuperação de vítimas de queimaduras

Processo de expansão de pele ganha aliado

JULIANA VALENTE

Aparelho evita a dor do paciente durante o procedimento

FERNANDA P. SZUSTER

Expandir a pele sempre foi um procedimento muito utilizado por cirurgões plásticos para reconstruções mamárias e recuperação de vítimas de queimaduras. Hoje, a partir de pesquisas realizadas pela engenheira biomecânica e coordenadora do Laboratório de Membranas e Biomembranas, Djenane Pamplona, esse processo ganhou um importante aliado: o medidor de expansão de pele. Algumas unidades da terceira versão do dispositivo foram emprestadas para a equipe da cirurgia plástica Ana Claudia Roxo, professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). A anterior está à disposição do Instituto Ivo Pitanguy para a recuperação de vítimas de queimaduras.

O equipamento fornece ao médico, de forma precisa, a pressão exercida sobre a pele durante a expansão tecidual. O procedimento consiste em implantar, próximo à área a ser reparada, um balão de silicone sob a pele saudável para, gradualmente, ser preenchido com soro fisiológico. Com isso, o corpo gera uma pele extra, conhecida como retalho, que é retirada por meio de uma cirurgia plástica e depois utilizada na reconstrução da área danificada.

Estender uma porção de pele pode ser doloroso para o paciente. Segundo a pesquisadora responsável pelo desenvolvimento do aparelho, a grande vantagem do dispositivo é permitir que o médico saiba se o paciente está com dor no momento em que a pressão é exercida.

– Antes do equipamento, a única forma que tínhamos de saber até quando a pele poderia ser estendida era se o paciente estivesse sentindo dor. Porém, ele poderia estar anestesiado e, não saberíamos o que estava acontecendo com o paciente durante o procedimento. O medidor de expansão de pele,



O medidor de expansão de pele, que já está na terceira versão, tem design moderno e é de uso fácil, com apenas dois botões e três funções

que está pronto para uso, mudou essa realidade.

O aparelho, que já está na terceira versão, foi criado pelo Laboratório de Membranas e Biomembranas. Além de Djenane, a equipe é composta pelo aluno de Controle e Automação, Raphael Pizzaia, e o doutorando em Engenharia Mecânica, Guilherme Rodrigues. Responsável por criar um design mais moderno para o medidor, Pizzaia ressalta a maneira simples com que o equipamento pode ser utilizado:

– Essa versão é muito mais portátil do que a última. A nossa ideia era criar um aparelho que pudesse ser usado no momento da infusão. O médico, com uma mão, pode medir a pressão ao mesmo tempo em que ele faz a infusão com a seringa. Por isso, o funcionamento dele é bem simples. São basicamente dois

botões e três funções. Em um, você zera os valores das pressões e, no outro, você aperta para gravar os dados dos pacientes.

Além da simplicidade na hora da utilização, o equipamento inovador tem, atualmente, um cartão de memória cuja capacidade para registrar as informações é de até cinco pacientes. O medidor permite que o médico acompanhe a evolução da pele, porque faz uma catalogação dos horários, datas e o quanto de pressão o paciente suportou na última expansão.

– É uma ótima ferramenta para o médico, porque basta ele tirar o Micro SD do dispositivo e conectar a um computador que poderá acessar todos os dados em uma planilha do Excel – observa Pizzaia.

O medidor de pressão atual só pode ser usado por um

médico ou alguém treinado para realizar o aumento tecidual em um ambulatório. O balão de silicone, com capacidade de 300ml, por exemplo, exige que o paciente compareça à clínica, semanalmente, durante o período médio de um mês. Com o objetivo de aprimorar ainda mais a nova versão, Djenane e equipe tiveram a ideia de criar o medidor de expansão automático. Para Rodrigues, esse aparelho vai facilitar o procedimento tanto para o paciente quanto para o cirurgião.

– Já estamos desenvolvendo o protótipo do medidor automático e até o fim do ano ele estará pronto. Com esse novo dispositivo, a pessoa poderá fazer nela mesma a expansão. O cirurgião plástico já deixaria pré-programado no aparelho a pressão necessária e a quanti-

dade de líquido que deverá ser inserido no intervalo em que ele determinar. O paciente, em casa, conectaria a válvula ao expensor e ele realizaria o procedimento sozinho. Ele também fornecerá ao médico um detalhamento completo do que aconteceu naquele período, maior até do que o atual.

Na UERJ, o medidor de expansão de pele está sendo utilizado em um estudo sobre o uso do silicone tanto para reconstrução de mama quanto para estética. Segundo Ana Claudia, que conheceu o equipamento por meio de artigos e publicações da Djenane, o aparelho é importante para a medicina:

– Como medimos a pressão exata exercida sobre a pele, temos mais condições de prever o que vai acontecer com a glândula quando a prótese for colocada.

Física: Professor estuda aplicações de grafeno, estrutura flexível baseada em carbono e com resistência superior ao diamante

Interdisciplinaridade e saber

Cientista Fernando Lázaro retorna à direção do Departamento de Física



GABRIEL MOLON

Professor Fernando Lázaro Freire Junior, novo Diretor do Departamento de Física, acredita no dinamismo da área e na articulação com outras disciplinas

JULIA NOVAES

Reconduzido ao cargo depois de oito anos, o novo diretor do Departamento de Física da PUC-Rio, professor Fernando Lázaro Freire Junior, nem sempre soube da vocação para a ciência. Em 1975, fez o vestibular da Universidade para Engenharia – e se arrependeu. Ao descobrir que a Física da instituição já desenvolvia grandes pesquisas e que poderia realizar uma atividade criativa, ele decidiu pedir transferência. Depois de 41 anos e mais de 160 artigos publicados em periódicos científicos, Lázaro é dinâmico como a ciência a que se dedica.

Atualmente, o diretor trabalha na física de materiais e foi presidente da Sociedade Brasileira de Pesquisa em Materiais (SBPMat). Há alguns anos, estuda produtos à base de carbono, sendo o mais recente o grafeno – estrutura flexível, porém mais forte e resistente do que o aço e o diamante. De acordo com Lázaro, o uso desse material ainda tem poucas aplicações práticas no merca-

do, mas deve avançar nos próximos anos, principalmente na área da nanoeletrônica.

– Sabe a rede do gol de futebol, com os hexágonos? É basicamente uma representação macroscópica do grafeno. Se você enrolar o material, tem um tubo. Estamos, na PUC, tentando fazer um sensor de gases tóxicos de extrema sensibilidade. O grafeno é o material candidato a esse tipo de aplicação.

O professor explica que a física avança nesta área: novas estruturas têm sido sintetizadas, estudadas e adotadas em diferentes dispositivos. Ele ressalta também o crescimento da informação quântica, que desenvolve sistemas de criptografia utilizados em serviços bancários. Além dos trabalhos no acelerador de partículas do Centro Europeu de Pesquisa Nuclear (CERN), na Suíça, onde há uma participação de brasileiros muito significativa.

Para o professor, a física é tão dinâmica que produz resultados experimentais não explicados pelas teorias aceitas hoje. Lázaro cita a física “além

do modelo padrão”, que descreve o mundo subnuclear, das partículas elementares menores que prótons e elétrons. Os neutrinos, por exemplo, são partículas mínimas e sem carga elétrica que, praticamente, não têm massa.

– Há muita coisa nova a ser entendida e descoberta. Recentemente, houve também o resultado espetacular da detecção das ondas gravitacionais (fenômeno espacial previsto por Albert Einstein em 1916). As pessoas já esperavam que elas existissem e havia evidências indiretas. Mas o experimento em si tem um grau de sofisticação inimaginável e revela o potencial de concretizar as experiências que temos hoje.

Lázaro, que trabalhou na área de astrofísica, e foi Coordenador da Área de Física e Astronomia da Faperj de 2008 a 2012, chama atenção às pesquisas realizadas com o acelerador de partículas da PUC, nas demais áreas, entre elas, a astrofísica.

– Você olha para uma estrela, um cometa, uma lua, um planeta, mas não interfere no

“**Resultados devem ser confrontados por meio de experiências orientadas**”

Fernando Lázaro Freire Junior

que acontece ali. Os resultados precisam ser confrontados com experiências orientadas, realizadas por um grupo da PUC – uma espécie de astronomia de laboratório. Eles produzem dados que ajudam a interpretar observações astrofísicas que não foram compreendidas até agora, simulando condições espaciais, como baixíssima pressão, vácuo próximo ao absoluto, temperaturas próximas ao zero absoluto, e feixes de partículas com energia perfeitamente fornecidas pelo acelerador.

Fernando Lázaro relata que a física tem crescido para áreas que ele chama de fronteira e de interface, se aproximando da biologia e da química. Para ele, o embasamento teórico em outros campos do conhecimento aproxima o físico da interdisciplinaridade. No entanto, falta flexibilidade na formação do profissional, observa. Segundo ele, o conteúdo das disciplinas ensinadas nas universidades não tem mudado nos últimos anos.

– No Brasil, temos uma rigidez muito grande de currículos. Nos Estados Unidos, por exemplo, você tem a possibilidade do *minor*, que é como um apêndice à graduação, como em finanças, medicina, biotecnologia. Nessas áreas, você aplica o conhecimento gerado da física.

Como novo diretor do Departamento de Física, Lázaro está atento aos efeitos que a crise do país e do estado pode causar na Universidade. Integrante do Conselho Superior da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), o professor conta que São Paulo tem desbancado o Rio de Janeiro como polo de atração de pesquisadores, já que consegue pagar os projetos aprovados e concede bolsas maiores do que as do estado do Rio.

– É uma mudança muito radical e isso tem um impacto enorme na renovação de quadros docentes, na captação de bons pesquisadores, e na perda de profissionais que estamos formando aqui e vão para São Paulo. Essas pessoas veem lá boas condições de trabalho que não têm no Rio, pelo menos, pelos próximos dois anos. É uma situação ruim não só para física, mas para todas as disciplinas.

O professor Fernando Lázaro Freire Junior se formou em Física pela PUC-Rio, em 1978, onde concluiu mestrado e doutorado. Entre 2003 e 2008, foi diretor do Departamento de Física da Universidade e do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, de 2011 a 2015. Foi co-editor da publicação *Advisory Board da Europhysics Letters*, nos anos de 2006 e 2010. Atualmente é titular da Academia Brasileira de Ciências.

Educação: Professora titular da PUC-Rio Ana Waleska Mendonça analisa sistema pedagógico

Reflexões sobre o ensino brasileiro

Reforma na área demanda investimento a longo prazo

CAMILA DE ARAUJO

Professora do Departamento de Educação, Ana Waleska Pollo Campos Mendonça foi contemplada, em maio, com o título de professora titular da Universidade. Recentemente, organizou com outros professores o Movimento Ocupa PUC, no dia 18 de maio, no RDC, com estudantes das escolas ocupadas, e o Ocupa Ensino Médio, no dia 6 de junho, na Associação Brasileira de Imprensa. O profundo envolvimento com a Educação revela à professora que o fenômeno das ocupações, os investimentos insuficientes, a politização do ensino e a desvalorização do magistério são algumas das questões que devem ser refletidas para a evolução do ensino no país.

Ana Waleska tem a história profissional atrelada à PUC-Rio. Ela ingressou na Universidade em 1964 para graduação em pedagogia e, mais tarde, concluiu mestrado e doutorado na área de educação. Em mais de cinquenta anos dedicados à docência, entre o magistério, produção e administração acadêmica, ela fez pós-doutorado na Universidade de Lisboa, escreveu 41 artigos, publicou dez livros, e orientou o total de 55 alunos, em dissertações de mestrado, teses de doutorado, pós-doutorado e iniciação científica. Para ela, ser professora titular é resultado natural do percurso.

– Fiz toda a minha carreira docente dentro da PUC. Para mim, é a culminância de uma longa trajetória desenvolvida. – diz Ana Waleska.

À frente das salas de aula da Universidade há quase 50 anos, Ana Waleska permanece atenta aos histórico da educação no Brasil. Atualmente acompanha os desdobramentos das



NINA CARDOSO

Pedagoga desenvolve pesquisas sobre História da Profissão de Docente, Ideias e Instituições, em Educação

ocupações de estudantes nas escolas da rede pública. Ela ressalta que no Rio de Janeiro, onde cerca de 70 escolas foram ocupadas, os jovens levantam questões pedagógicas numa postura ativa e não mais à mercê de decisões partidárias.

– Um dos temas mais interessantes que o movimento dos alunos na Ocupação das escolas levanta são as reivindicações pedagógicas, como a ampliação da carga horária das disciplinas de filosofia e sociologia e a eleição de diretores da unidade escolar ligados à comunidade. Até então, os diretores eram nomeados pelo secretário de Educação e escolhidos por razões partidárias, sem que eles tivessem envolvimento com o ambiente.

A mobilização dos estudantes teve início em São Paulo, contra a medida do governo que ordenou o fechamento de unidades municipais e estadu-

ais, em novembro de 2015. Nos outros estados, jovens brasileiros seguiram o exemplo em busca de melhores condições de ensino. Entre as exigências estão investimentos na infraestrutura, revisão na grade curricular e ajuste salarial para professores e profissionais da Educação. Segundo Ana Waleska, esse entendimento surge da conscientização da escola como um ambiente pertencente aos estudantes e à sociedade.

– Os alunos perceberam que a escola também é formada por eles. Do ponto de vista da ideia de cidadania, essa percepção é fantástica. A noção da escola pública como um bem comum é sintoma de uma mudança radical – diz.

Para Ana Waleska, o quadro atual do ensino público é resultado de investimentos insuficientes, somado à administração inadequada dos recursos e à falta de incentivo para

possível observar hoje.

– Os investimentos sempre foram parcos e insuficientes. Os recursos são escassos e, frequentemente, mal aplicados. Além disso, um dos grandes problemas com os quais nos defrontamos é a questão da instabilidade e descontinuidade das políticas públicas em educação, em todas as instâncias da máquina pública – federal, estadual e municipal. Ou seja, cada governo que se sucede no exercício do poder apaga as medidas realizadas anteriormente – avalia.

Segundo ela, há também um déficit de professores no estado porque a profissão de docente está deixando de ser atrativa. Com salários baixos, condições precaríssimas de trabalho, violência dentro das escolas, principalmente, nas que estão em áreas de risco. Por isso, defende que o sucesso das políticas públicas em educação é o investimento planejado a longo prazo.

– As políticas de educação precisam ser efetivas, e, para isso, devem ser pensadas e implementadas a longo prazo, até porque os resultados não são imediatos.

Ana Waleska comenta a atitude dos jovens envolvidos na ocupação das escolas. O que observou durante o Movimento Ocupa PUC, seminário no qual recebeu líderes das escolas ocupadas, no RDC.

– Surpreende a maturidade da garotada. No Ocupa PUC, observei a mudança da visão da escola pública.

Neste âmbito, pensa, o papel da universidade é fundamental ao formar profissionais da educação para desempenhar funções em todas as séries pedagógicas.

– A universidade tem uma enorme responsabilidade porque ela forma os professores para atuar em cada nível de ensino. A formação sólida desses profissionais é importante. Vemos o curso de pedagogia voltado para os professores das séries iniciais e Educação Infantil, e as licenciaturas para a formação dos professores das séries terminais do Ensino Fundamental e Médio – diz.

Professora titular da Universidade, Ana Waleska também integrou a coordenação, direção e administração do curso de Educação, gerenciou a central de graduação acadêmica e participa de órgãos colegiados da PUC-Rio.

“ Os alunos perceberam que a escola também é formada por eles ”

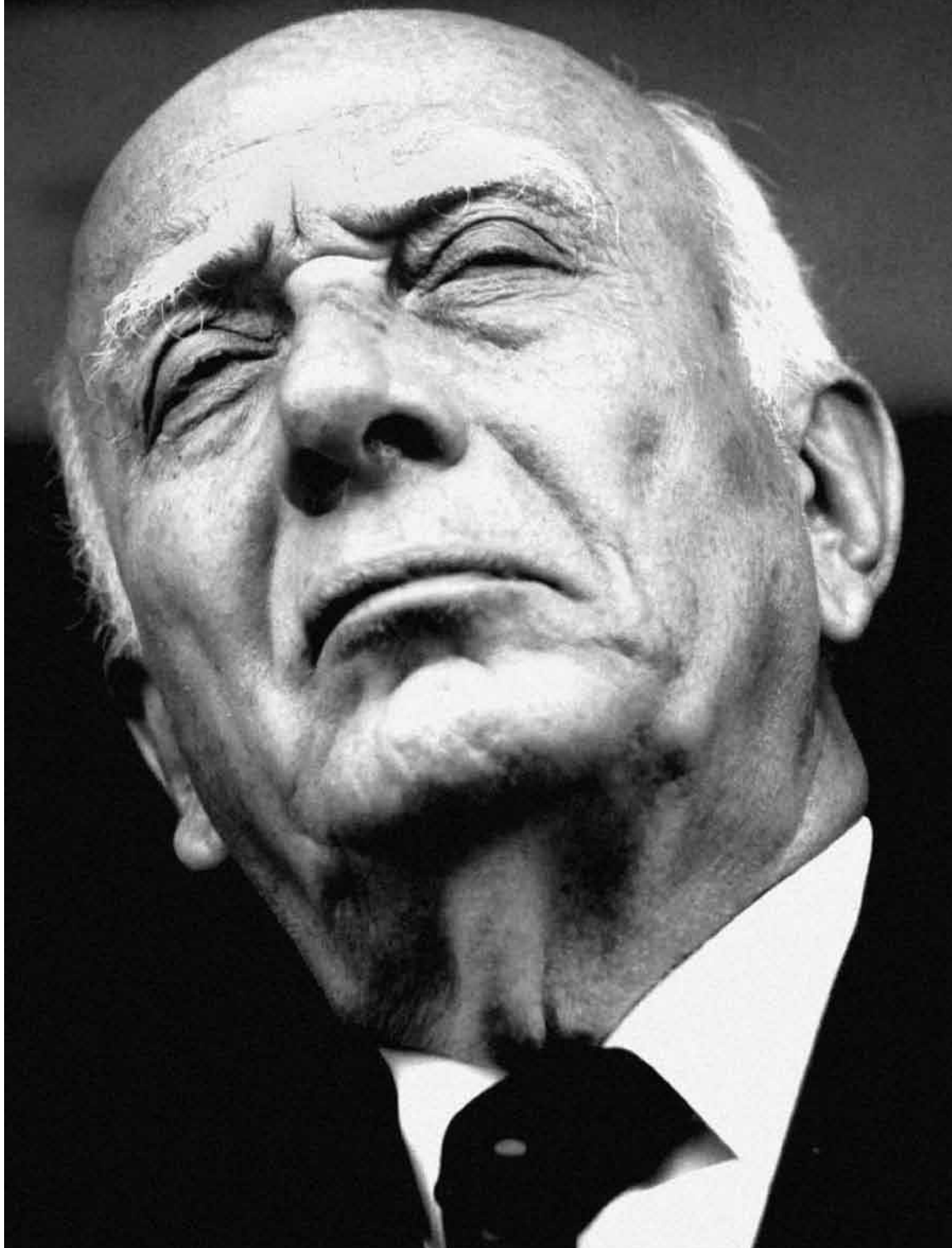
Ana Waleska Mendonça

os que procuram a licenciatura. Os professores, aponta a pedagoga, convivem com baixa remuneração, falta de infraestrutura, e más condições de trabalho. Ana Waleska indica a desvalorização do professor e a descontinuidade das políticas públicas como o cerne da crise na educação, o que favorece a instabilidade na área como é

FOTOS ORLANDO BRITO

Silêncio, exílio e astúcia

Ulysses Guimarães, que lutou pela democracia, completaria cem anos



Exímio articulador político, Ulysses Guimarães era admirado por aliados e adversários

ALINE RÍPOLI E ÁRION LUCAS

Foram águas turbulentas as que levaram Ulysses Guimarães quando o helicóptero em que ele viajava mergulhou no litoral de Angra dos Reis. Naquele dia, o mar calou o homem que permitiu o encontro do Brasil consigo mesmo: desde 12 de outubro de 1992, o país convive com o silêncio de Ulysses. Mesmo assim, um dos principais responsáveis pela conquista da democracia brasileira ainda navega no inconsciente político nacional. Se, em 1992, Ulysses acompanhava o afastamento de Fernando Collor, agora, quando completaria 100 anos, o Brasil volta a passar por momentos conturbados, diante de um novo processo de impeachment e de um Congresso cheio de crises.

Talvez, em meio ao caos do presente, o homem que promulgou a Constituição de 1988 conseguisse organizar tantas vozes perdidas. Pois ele não só calava para ouvir, mas atuava quando sentia que era necessário. Reconhecido como figura consagrada na época de Collor, transformou-se no grande conselheiro do processo de impeachment, e muitos viam nele um oráculo. O jornalista Luiz Gutemberg, autor da biografia *Moisés Codinome Ulysses Guimarães*, considera que Ulysses continua vivo não como um modelo a ser repetido, mas como alguém que pode inspirar as pessoas de hoje:

– O doutor Ulysses praticava a famosa trilogia de James Joyce para organizar seu comportamento: silêncio, exílio e astúcia. Ulysses inspira com sua história, que é uma coisa muito rica. Quem conhece a história não repete os erros do passado.

A história de Ulysses Silveira Guimarães se confunde com a da própria República. Político profissional por 45 anos, foi eleito 11 vezes deputado – uma como estadual e dez como federal – e só perdeu uma eleição na vida: a de presidente do Brasil. Ferrenho crítico da ditadura, tornou-se um líder natural no processo de redemocratização. Em 1973, auge do Regime Militar, lançou-se como anticandidato e percorreu o país a fim de “denunciar a antieleição, imposta pela anticonstituição”, como declarou

no discurso *Navegar é preciso*. Para Gutemberg, doutor Ulysses era um estrategista e articulador político:

– Ulysses era uma pessoa astuta politicamente. O grande mérito dele, como líder do MDB, foi aproveitar as oportunidades. Os militares, como não tinham orientação ou regra, não seguiam uma linha comum. Eles não queriam ser chamados de ditadura e deixavam brechas.

No caminho para que a soberania popular retornasse ao jogo nacional, talvez o mais importante atalho aberto por Ulysses tenha sido a criação do Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Devido às crescentes vitórias eleitorais de políticos oposicionistas, o Ato Institucional Número 2 (AI-2), de 1965, dissolveu os já enfraquecidos partidos existentes. Assim, Ulysses foi obrigado a deixar o Partido Social Democrata (PSD), cuja seção paulista havia sido fundada por ele, em 1947.

Sem justificativas para acusá-lo de subversivo, os militares tentaram cassá-lo por corrupção, mas nada foi comprovado. O AI-2, no entanto, gerou mais uma brecha, uma vez que instituiu um sistema bipartidário, a fim de mascarar a ditadura com o argumento de que havia alguma forma de oposição ao governo.

Diretor de documentários como o premiado *Jango e Tancredo – A Travessia*, o cineasta Silvio Tendler explica que, em resposta à Aliança Renovadora Nacional (ARENA), partido criado pelo Regime, aqueles que não simpatizavam com os militares fizeram um esforço para formar o quanto antes o MDB.

– Era um partido com pouca sustentação, porque poucos deputados tiveram coragem de ir ao MDB. Então, Ulysses é um dos que têm essa coragem. E é nesse momento que ele ganha o papel de protagonista de liderança da oposição – diz Tendler, professor do Departamento de Comunicação Social.

Ao lado de nomes de peso como Tancredo Neves (PSD) e André Franco Montoro (PDC), Ulysses fundou o MDB com o desafio de unir uma oposição heterogênea em prol de um objetivo único. Mesmo assim, a legenda chegou a eleger diversos senadores e deputados. A caravana da anticandidatura promoveu e elegeu os candidatos

oposicionistas nas eleições majoritárias para o Senado em 15 estados. No MDB, Ulysses conseguiu a façanha de abrigar desde membros do Partido Comunista até liberais conservadores.

– O MDB era o “partido ônibus”: todo mundo entrava, todo mundo cabia lá. Hoje, nenhum partido é liderado por um sujeito como o Ulysses, com a habilidade, com a astúcia dele. Ele juntava tudo. Esse camarada tinha apoio no MDB da direita à esquerda. Ele convivia com todo mundo - ressalta Gutemberg.

Durante a redemocratização, quando o pluripartidarismo foi admitido novamente, o MDB passou a se chamar PMDB, e as variadas ideologias contidas nele se viram livres para trilhar rumos próprios. Foi o caso do PT, que surgiu no final dos anos 1970, e o PDT, criado em 1979, para abrigar parte do setor trabalhista. Professor Fernando Sá, do Departamento de Comunicação Social, avalia que, nesse momento, fugiu ligeiramente das mãos de Ulysses a articulação do partido construído por ele. Por outro lado, os políticos que permaneceram não encontraram uma ideologia comum, fato que até os dias atuais se reflete no peemedebismo.

– Ulysses tentou administrar um conglomerado de políticos regionais. O que é o PMDB hoje? São 27 PMDBs. Ou seja, como você não tem uma identidade partidária, cada cacique local tem seu poder. Esses PMDBs locais têm uma autonomia muito grande.

O sistema pluripartidário, reestabelecido em 1979, resultou em um número expressivo de legendas. A consequência foi o chamado “presidencialismo de coalizão”, presente até hoje, que obriga o partido no poder a costurar alianças com outros que não necessariamente têm a mesma linha política. Professor Eduardo Raposo, do Departamento de Ciências Sociais, argumenta que, embora essa variedade permita a diversificação dos grupos ideológicos, a articulação se torna mais difícil para o Executivo.

– Para criar base de apoio no Congresso, para suas leis passarem, o governo tem que negociar com uma pluralidade muito grande de partidos. Quando você diminui partidos, talvez você diminua representatividade nacional, mas você melhora a governabilidade.

Seria difícil imaginar como Ulysses lidaria com a necessi-



Baluartes das conquistas republicanas do Brasil, as palavras de Ulysses ainda hoje servem de inspiração

“Doutor Ulysses costumava falar que, em política, até a briga é combinada”

Jorge Moreno Bastos

dade das coligações caso chegasse à presidência do país. De qualquer modo, quando teve a chance de alcançar tal posição, sequer ficou entre os favoritos. Ulysses viu o seu fracasso nas urnas, quando, em 1989, ficou em sétimo lugar na eleição vencida por Collor - para muitos, uma traição que sofrera pelo próprio partido. O senhor Diretas foi candidato a presidente da República a contragosto dos colegas do PMDB, muitos dos quais acreditavam que o tempo de Ulysses já havia passado. Segundo Gutemberg, o velho político teve de encarar a decepção do baixo apelo popular que seu nome carregava:

– A razão para Ulysses ter sofrido derrota tão expressiva nas eleições de 1989 é uma coisa paradoxal, típica do caráter brasileiro. Para entender

a sociedade política do Brasil, as pessoas devem ler *Macunaíma*, de Mário de Andrade, que retrata o caráter brasileiro. Ou melhor, a ausência de caráter.

Essa não foi a primeira vez que o PMDB deixou Ulysses de lado. Em 1984, foi Tancredo, e não ele, o escolhido para as eleições indiretas. Além do antimilitarismo escancarado do senhor Diretas, delineava-se uma manobra dentro do partido para que Tancredo fosse o candidato. Apesar das declarações de apoio a Ulysses, o jornalista Jorge Moreno Bastos, autor do livro *A história de Mora: A saga de Ulysses Guimarães*, revela que Tancredo já articulava a própria candidatura. Mas, mesmo traído, Ulysses apoia o político mineiro:

– Tancredo, na verdade, estava se preparando para ser candidato em plena Diretas Já. Ulysses, quando vê que é inevitável a candidatura de Tancredo, assume a campanha do companheiro de partido. Mas, mesmo com uma certa disputa dentro do PMDB, no fundo, os dois se entendiam muito bem. Doutor Ulysses costumava falar que, em política, até a briga é combinada.

As votações indiretas frustraram aqueles que torciam pela aprovação da Emenda Dante de Oliveira, rejeitada a despeito da mobilização nacional e dos esforços de Ulysses. O movimento

das Diretas Já foi resultado da insatisfação popular que surgiu no início dos anos 1980. À beira de um colapso financeiro que desgastava o sistema, os militares não viram alternativa senão iniciar uma redemocratização “lenta, gradual e segura”, o que abriu espaço para o povo ocupar as ruas. Fernando Sá esclarece que, apesar de nunca ter se notabilizado como um líder de massas, a credibilidade acumulada ao longo dos anos de chumbo levou Ulysses a encabeçar o movimento, o que lhe rendeu o apelido de senhor Diretas.

– Ulysses nunca foi um político de palanque. Aliás, as críticas que faziam a ele em São Paulo eram pela pouca ligação com suas bases eleitorais. Ele fazia a grande política de Brasília, com a Constituinte, as Diretas, essas coisas.

Ulysses ainda sofreria um último golpe do partido que presidiu por 20 anos: em 1991, é defenestrado da presidência do PMDB por Orestes Quércia, à época governador do Estado de São Paulo. De acordo com Moreno, a derrota é consequência da imposição da própria candidatura a presidente da República, em 1989. Segundo o jornalista, embora Quércia não quisesse disputar o cargo de chefe de Estado, ele tinha a intenção de indicar outra pessoa. O então governador era quem mais tinha recursos

financeiros para bancar um eventual candidato.

– Quércia ficou com ele, financiou a campanha, mas para cumprir um dever partidário. E, depois que o Ulysses teve esse desempenho fraquíssimo, as pessoas que eram ligadas a ele se deslocaram e impuseram a campanha do Quércia à presidência do partido. Aquilo foi um choque para Ulysses. Ele foi abandonado pelo partido com requintes que eu considero de crueldade - afirma Moreno.

Entretanto, o impeachment de Collor devolveu Ulysses ao centro do poder. O senhor Diretas, senhor Constituinte e senhor Impeachment não precisava mais de cargos para manter o comando. Uma liderança que, para Raposo, está em falta nos dias de hoje, embora as instituições tenham de fato se fortalecido após a redemocratização. O professor pondera que, quando as instituições estão envelhecidas, como era o caso da passagem do regime autoritário para o democrático, a autoridade pessoal dos homens públicos adquire um significado fundamental.

– Agora, os homens são fracos e as instituições são fortes. Mas, naquele momento, as instituições estavam fracas e essas lideranças tiveram uma importância extraordinária. E o Ulysses Guimarães foi uma dessas figuras, que fazem falta no Brasil em que vivemos - conclui Raposo.

Ecologia: Há 14 anos, professor Henrique Rajão, do Departamento de Biologia, promove encontro no Jardim Botânico

Fotografia, ciência e natureza

Passeio de observação de pássaros propõe parceria com meio ambiente

FOTOS FERNANDA P. SZUSTER



Prática se encaixa no conceito de Ciência Cidadã, uma forma de a pessoa comum contribuir para estudos científicos, especialmente a ornitologia

lômbia. O Avistar, clube que promove congresso sobre ornitologia, estima que no Brasil há cerca de 30 mil adeptos à prática hoje. O cálculo é feito a partir de registros quanto ao número de participantes nas unidades do Clube de Observadores de Aves (COA) dos estados brasileiros e também pelos usuários na internet que publicam fotos de pássaros no site Wikiaves.

Ao frequentar os passeios, o observador também adquire mais sensibilidade visual e auditiva. Há tipos de aves com cantos diferentes e maneiras diferentes de se comportar. Por exemplo, só é possível observar ninhos a partir do mês de junho, um pa-

“
A fauna não
existe sem a
flora e a flora
não existe sem
a fauna
”

Sergio Costa



Professor Henrique Rajão (esquerda) lidera grupo em passeio mensal

GABRIEL FRANCO

Há 14 anos, o professor Henrique Rajão, do Departamento de Biologia, recebeu a doação de 13 binóculos para a Associação de Amigos do Jardim Botânico. Ele, então, teve a ideia de criar um pas-

seio para observar pássaros, por causa da grande diversidade de aves encontradas no Jardim: são em torno de 200 espécies catalogadas. Ao fim de cada encontro, os participantes fazem uma lista do que foi avistado que é enviada para o eBird, um banco de dados de

observação de aves da Universidade de Cornell, nos Estados Unidos, parceira da PUC-Rio neste projeto.

Os passeios tomaram forma e começaram a ocorrer mensalmente, aos sábados de manhã, com número entre 20 e 30 pessoas, mas sempre com novos participantes, que na maioria, não são estudiosos da ornitologia. É o caso de Sergio Costa, guia turístico, que uniu a paixão pela fotografia e a preocupação com a natureza, e virou frequentador há mais de sete anos. Para Costa, o Jardim Botânico é o lugar ideal para observar aves. Ele leva uma câmera profissional e clica quando se depara com alguma espécie rara, como foi o caso do Chibum, ave migratória de baixa aparição no local.

– O maior benefício para a ecologia é a conservação. Se começarmos a informar as pessoas, elas terão mais consciên-

cia. A fauna não existe sem a flora, e a flora não existe sem a fauna – afirmou Costa.

Outro benefício do passeio é a retomada do urbano com a natureza. Isso se encaixa no conceito de Ciência Cidadã, que é a forma de a pessoa colaborar para estudos científicos. Ao fim do passeio, os participantes se reúnem no Café do Jardim e trocam informações sobre as espécies avistadas e enumeram o que foi visualizado durante as cerca de quatro horas de observação.

– Fazemos uma análise para ver se as abundâncias aumentaram, diminuíram, se alguma espécie entrou em extinção ou mudou de distribuição geográfica – comentou Rajão.

O número de observadores de aves no Brasil tem crescido nos últimos 15 anos. Vale lembrar que o país tem 1.900 tipos de aves, é o segundo mais rico do mundo em variedade de pássaros, atrás apenas da Co-

drão em toda a Mata Atlântica. As aves procriam nesta época para que os filhotes nasçam na primavera e no verão, quando há maior oferta de frutos e insetos.

Dentre os frequentadores, alguns poucos são estudiosos da área. Professor de Biologia há mais de 20 anos, Alessandro Allegretti diz que os encontros promovem a sensibilização das pessoas em relação à natureza, e ele descobre novidades no mundo da ornitologia.

– O ser humano não pode se sentir à parte, tem que se sentir incluído no ambiente. O Jardim Botânico é bom lugar para observar aves porque elas já estão acostumadas com a presença das pessoas.

Pela facilidade de acesso e de observação, o Jardim se tornou o lugar mais comum para prática. Mas, no Rio de Janeiro, o Parque Nacional da Tijuca, o Bosque da Barra e o Parque da Cidade também são propícios para os interessados.

Sociedade: Cátedra UNESCO de Leitura tem uma das maiores bibliotecas com títulos infantojuvenis da América Latina

GABRIEL MOLON



Varal de Poesias é uma das diversas atividades organizadas pela Cátedra UNESCO de Leitura em comemoração ao décimo aniversário da instituição e para incentivar o gosto pelo texto

Dez anos de contribuição para cidadania e leitura

Um dos objetivos do projeto é formar o indivíduo em diversos aspectos

ELISSA TAUBLIB

Leitura é um processo de esclarecimento. Ela abre um outro mundo por meio das palavras e da compreensão do texto, da linguagem, e pode ajudar na formação de uma nova consciência. É acreditando nisso que, na última década, a Cátedra UNESCO de Leitura da PUC tem trabalhado na formação do indivíduo em diversos níveis e lugares. Projetos sociais, como o Destrava Línguas, consultorias de políticas públicas de leitura e pesquisas que analisam o fenômeno das trocas e interpretação marcam os dez anos de contribuição social da Cátedra.

A instituição tem uma das maiores bibliotecas latino-americanas de literatura infantojuvenil. O acervo foi doado pela presidente do Conselho de Desenvolvimento do Instituto Interdisciplinar de Leitura

(iiLer), professora Eliana Yunes, do Departamento de Letras, e tem cerca de 20 mil livros, dos quais aproximadamente 17 mil são do gênero infanto-juvenil. As instalações do instituto foram inauguradas em 2007.

Segundo o coordenador da Cátedra, Érico Braga, o trabalho realizado no instituto de pesquisa científica é o de incentivar o indivíduo a conquistar a liberdade através de si mesmo. E essa conquista só pode ser feita a partir da consciência do que o indivíduo já foi, do que ele é, e do que pode se tornar.

– Conseguimos nosso espaço dentro da PUC e a chancela da Unesco, que foi fundamental como marca de apoio. Nasceu, então, a Cátedra UNESCO de Leitura, com apoio interdepartamental e atuação interdisciplinar.

De acordo com o coordenador, o principal objetivo da Cátedra é o de criar uma rede

de articulação de leitura para permitir o contato entre pesquisadores da área. Segundo ele, a partir da criação da Rede de Estudos Avançados em Leitura (Reler), as pessoas passa-

“
A Unesco foi fundamental como marca de apoio”

Érico Braga

ram a perceber que o problema da leitura aflige a todos e começaram a trabalhar em conjunto.

Braga descreve alguns trabalhos sociais da Cátedra nesses dez anos. Entre eles, a coordenação nacional do projeto Agentes de Leitura, do

Ministério da Cultura, quando um agente vai até a casa de uma pessoa sem acesso à leitura. Por meio de atividades, ele tenta demonstrar para os moradores que eles têm capacidade cognitiva em relação ao mundo e aos objetos, mesmo que ela seja analfabeta. O coordenador relata que uma das atividades consiste em pegar objetos antigos do dono da casa, colocá-los no chão e perguntar quem deu o presente. Para Braga, lembrar da história do objeto é um pretexto para que a pessoa se lembre das relações dela com os outros, com a vida, e com a própria história de leitura.

– O agente te apresenta à leitura, ao livro e a si mesmo através das memórias. Nos interessamos como as pessoas entendem de um assunto e o que isso pode revelar sua capacidade de dizer alguma coisa a respeito de sua existência.

A vice-diretora do iiLer, Gilda Carvalho, realça a importância do Agentes de Leitura para tornar o trabalho da Cátedra reconhecido no Brasil. Ela lembra do Destrava Línguas, programa de formação de leitores para funcionários da PUC, feito com a Gerência de Recursos Humanos (GRH), assim como o Clube de Leitura para os funcionários.

Para o diretor do Instituto Interdisciplinar de Leitura (iiLer), Alessandro Rocha, a Cátedra trabalha com uma noção de leitura mais ampla, pois trata de uma leitura de mundo que se relaciona com formação de cidadania.

– A interdisciplinaridade é fundamental. Queremos entender como a leitura pode ajudar no ensino de outras disciplinas, e como as outras disciplinas, com seus instrumentos, podem contribuir no tema da leitura – comenta o diretor.

Design: Pesquisa, em dissertação de mestrado, mostra as inovadoras e diferentes linguagens gráficas em cervejas artesanais

Rótulos para todos os paladares

A revolução no mundo cervejeiro provocou alteração em sabores e layouts

ANA CAROLINA SALVADOR

A cultura cervejeira começou nos Estados Unidos como um movimento que retomou o gosto pela cerveja artesanal. E os que queriam novidades começaram a questionar que não havia variedades de sabor. Diante da insatisfação, novos ingredientes foram inseridos, como especiarias e frutas. Mas a inovação não influenciou só as receitas, mas os rótulos também.

Diante dessa curiosidade, Jader Mattos, 36 anos, passou a se interessar por cerveja artesanal, quando estava prestes a terminar a faculdade de design em 2012. Nessa época, ele começou a conhecer cervejeiros caseiros e, um tempo depois, até mesmo cervejarias de médio porte. No trabalho de conclusão de curso, desenvolveu embalagens para a linha artesanal de um amigo. Desde então, passou estudar a identidade visual desse tipo de bebida e a lei de embalagens.

Quando começou o mestrado, em 2014, na PUC-Rio, Mattos desenvolveu uma pesquisa voltada para a linguagem do rótulo de cervejas artesanais.



FERNANDA P. SZUSTER

A inovação proporcionou mudança de sabores e interferiu na representação visual das marcas artesanais

Ele concluiu que vigoram dois tipos: mais tradicional e inovador. Este foi o foco da pesquisa, e consiste em mostrar como as embalagens realçam as sensações que a bebida causa.

– Os rótulos nem sempre vão querer transmitir a coloração do líquido, mas sim a cor que desperta a sensação proporcionada

pela bebida. Um exemplo disso é a cerveja IPA, que é mais amarga e pode ter sabor cítrico, por isso, aparece o verde para excitar a sensação do sabor.

O movimento cervejeiro é recente no Brasil e fez com que as cervejarias assumissem o papel da inovação, com a adição de temperos e frutas nas recei-

tas. Mattos explica que a linguagem tradicional reivindica a origem da bebida, pois adota a lei da pureza como certificado de qualidade. Este princípio alemão preza pela conservação da receita tradicional, que não deve ter nada além de água, lúpulo, malte e levedura. O rótulo tradicional costuma ser

de símbolos medievais e europeus, em referência à origem alemã e inglesa da cerveja. Já os produtores de cervejas mais recentes acreditam que a qualidade está na atribuição de diversos sabores e aromas.

A cerveja artesanal tem uma carga tributária pesada, mas pouco investimentos. Geralmente, quando o produtor começa a fabricação, ele não detém muitos recursos para investir no negócio. Por isso, observa Mattos, no momento de investir no design da marca não há dinheiro suficiente, o que faz com que os produtores deixem a autoria dos rótulos por conta de ilustradores. Segundo Mattos, esses motivos dificultam o investimento em design e, por nem sempre ser feito por um especialista, o desenho não satisfaz nos aspectos de alinhamento, contrastes e legibilidade.

Atualmente, Mattos trabalha por conta própria como designer especializado em rótulos de cervejas artesanais e desenvolve a identidade visual de cervejarias do Rio de Janeiro, São Paulo e Vassouras.

COMUNICAR TAMBÉM É FAZER JUNTO



O Portal PUC-Rio Digital uniu-se ao Projeto Comunicar. Para comemorar a fusão, criamos uma nova marca. Essa identidade visual representa o nascimento de um canal de comunicação ainda mais forte, moderno e dinâmico para divulgar as atividades da PUC-Rio.

COMUNICAR



Conecta você a tudo o que acontece na PUC-Rio

www.puc-rio.br/comunicar

Futebol: Jogos Olímpicos 2016 e Copa do Mundo sub-20 são chances de jogadoras terem visibilidade e atrair empresas

Drible feminino para desafiar dificuldades

MATHEUS PAULO MELGAÇO

Falta de investimento afeta o avanço da modalidade no país

Conhecida como Esquerdinha, Larissa Coutinho, de 17 anos, tem uma rotina compatível com seu sonho: ganhar uma Olimpíada pela seleção brasileira de futebol feminino. Moradora de Araruama, na Região dos Lagos, ela estuda, na parte da manhã, no terceiro ano do Ensino Médio. Durante toda a tarde, treina na equipe sub-20 do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, e volta para casa às 22h. A difícil rotina da atleta reflete também o quadro atual do futebol feminino no Brasil: a falta de apoio.

No Rio de Janeiro, dos quatro clubes de maior expressão nacional, apenas o Vasco e o Flamengo disputam o campeonato estadual feminino; dos dois, apenas o Vasco mantém uma categoria de base com sub-17 e sub-20.

No que se refere às competições de expressão nacional, o campeonato brasileiro da modalidade ocorre desde 2013 e reúne 20 times. Já a Copa do Brasil, que existe há quatro anos, na última edição, de acordo com o Ministério do Esporte, teve um investimento do governo federal de aproximadamente R\$ 3 milhões.

O coordenador de Futebol Feminino da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Marco Aurélio Cunha, acredita que há uma parcela de responsabilidade dos clubes para a profissionalização do esporte no país. Ele diz que a CBF criou algumas medidas para estruturar o futebol feminino.

– A CBF não é clube, nosso dever é incentivar o esporte e criar competições para sua estruturação. Não podemos obrigá-los a fazer times femininos. Até sugiro, mas não posso impor. É livre arbítrio deles. Ao fazermos a seleção permanente, queremos dar todo suporte profissional para as meninas, que normalmente não têm.

Há poucos meses da Copa



FERNANDA P. SZUSTER



Na foto maior, Larissa Coutinho treina com a equipe no campo de São Cristóvão, na Zona Norte

Larissa já foi convocada cinco vezes para a seleção brasileira feminina de base

balho que fez na seleção desde o título do Mundial sub-20 até a conquista do ouro.

– A modalidade cresce a passos lentos. Trabalhamos por dois anos e, até hoje, há algumas jogadoras que atuam na seleção atual. Depois, fomos bicampeões dos jogos Pan-Americanos, sendo um deles no Rio. Mas, naquele momento, faltou *feeling* das pessoas que estavam dentro do futebol. Elas não pensaram na modalidade, mas em si próprias.

Atual campeão brasileiro, o Flamengo é um exemplo para o treinador de como se deve gerir o futebol feminino no país. Na equipe, embora as atletas vistam a camisa do clube, quem administra é a Marinha. Ele defende que seja criado um departamento de futebol feminino dentro dos clubes em parceria com empresas privadas que tenham o interesse de incentivar a modalidade.

– Manter uma equipe é um gasto, que a maioria dos clubes da elite do futebol brasileiro não tem condições de arcar. Eu acredito que deveria ser criado um departamento e entregá-lo a uma empresa interessada em gerir a modalidade.

Apesar do quadro difícil, muitas atletas lutam diariamente para manter vivo o sonho de vestir a camisa da seleção. E, se depender da Larissa Coutinho, jogadora sub-20 do Vasco, o sonho já está concretizado em parte. Convocada cinco vezes para as equipes de base da seleção, ela acredita que o futebol vai crescer quando os empresários olharem a modalidade como um investimento.

– Somos atletas assim como a modalidade masculina. É a mesma quantidade de jogadores no campo, é a mesma bola e uniforme. Vamos enfrentar pessoas que não nos aceitam. Mas fazemos a mesma coisa que os meninos e, às vezes, até melhor.

portantes para incentivar novas gerações a jogar bola.

– A menina de 12 anos que está vendo a Martha, a Formiga ou a Andressinha tem que se sentir inspirada e com gana de querer estar ali. Mas ela precisa iniciar a prática e, na maioria das vezes, está nas escolas. Todos os países que têm grande relevância na educação têm bom futebol feminino como os EUA, Alemanha e Suécia. Os Jogos Olímpicos podem ser uma euforia ou uma frustração. O que conseguirmos vai ser importante para a manutenção do sonho de meninas jogarem futebol.

Com 70 mil pessoas no Maracanã, Jorge Barcellos era o técnico que comandava a seleção brasileira feminina medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de 2007, no Rio de Janeiro. Oito anos depois, ele afirma que a estrutura do esporte no país continua precária. O técnico relembra o tra-

do Mundo de Futebol Feminino Sub-20, que ocorre na Papua-Nova Guiné em novembro, e da Olimpíada 2016, Cunha resalta a importância da construção de ídolos no esporte para incentivar as jogadoras que estão começando a praticar futebol. Para ele, independente do resultado no Rio de Janeiro, os Jogos Olímpicos vão ser im-

Meio Ambiente: Baixa rentabilidade dificulta ingresso de novas gerações na atividade pesqueira da Ilha do Governador

A extinção da cultura da pesca

Livro de alunos de graduação em Design dá voz aos pescadores da região

ELISSA TAUBLIB

Poluição e descaso de políticos e empresas são parte do cotidiano dos pescadores da região de Tubiacanga, na Ilha do Governador. Por meio de fotos e entrevistas, alunos da Universidade ressaltam a extinção da cultura da pesca no livro *Histórias de Pescador*. A obra reúne relatos que evidenciam a relação de sustento e tradição dos moradores do local com a atividade pesqueira.

O projeto editorial foi desenvolvido para a disciplina Projeto Avançado pelos alunos de Desenho Industrial Nathan Miranda, Nina Amarante, Henrique Ferreira e Thainan Castro. Com orientação dos professores Daniel Malaguti e Deborah Christo, do Departamento de Artes&Design, o grupo visitou a comunidade, na Ilha do Governador, durante quatro meses.

Nina defende a necessidade da pesquisa de campo para aproximar o grupo da realidade humana da poluição. Ela destaca que as referências existentes sobre o assunto na internet são estatísticas publicadas por pessoas que não vivem o problema.

“Quando você está com a pessoa, você sente a poluição na fala dela”

Nina Amarante

– Quando você está com a pessoa, você sente a poluição na fala dela. Você se arrepia, seu olho enche de lágrima. É um lugar deslumbrante, mas não tem como ficar na praia por causa do cheiro e não tem espaço de tanto lixo – declara.

A aluna define a Baía de Guanabara pela beleza visual e o potencial que não é apro-



HENRIQUE FERREIRA

Fotos do livro procuram retratar o cotidiano da vida dos homens de Tubiacanga que continuam ativos



GABRIEL MOLON

Alunos da disciplina de Projeto Avançado em Design relatam o descaso no entorno da Baía de Guanabara

veitado. Para ela, preservar a Baía significa poder desfrutá-la como lazer, ambiente de turismo e de competição.

O desenvolvimento do projeto começou em março. Segundo Henrique, a comunidade demonstrou resistência no início da pesquisa de campo, mas, com o tempo, já o tratavam como da família.

Em *Histórias de Pescador*, os relatos não foram editados. O livro também tem fotografias da Baía e da comunidade, e ilustrações dos rostos dos pescadores. De acordo com Henrique, o desenho traz o aspecto fantasioso do que seria uma história de pescador, para depois revelar a fotografia e a identidade do personagem.

Para Nina, isso “põe o pé do leitor no chão”.

– Mostra que essa história não é uma mentira, não é aumentada: não é uma história de pescador, é a história do seu Miguel, que depende da pesca para sobreviver – declara.

Henrique conta que o grupo escolheu trabalhar com a comunidade de Tubiacanga

porque ela tem uma ligação muito próxima com a poluição: os pescadores moram na Ilha do Governador, o que dificulta pescar fora da Baía.

Para Nathan, a Colônia de Pescadores tem presenciado o fim da cultura da pesca. Segundo o aluno, gerações mais novas já não são incentivadas a pescar, por causa da baixa rentabilidade da atividade. A pesquisa constatou a dificuldade dos pescadores de trabalhar com outras atividades. Muitos deles alegam pertencer ao mar, como é o caso de Sérgio Souza dos Santos, pescador há 56 anos. Miranda lembra que Sérgio tentou, sem sucesso, trabalhar em uma padaria da região.

– Serginho se sentia preso, não gostava da rotina, de ter que acordar todo dia no mesmo horário – relata Miranda.

Segundo Nina, a Associação de Pescadores Livres de Tubiacanga (APELT) pretende construir um Observatório Pesqueiro da Baía de Guanabara na Ilha Seca.

– Esse é o único lugar que a indústria petrolífera ainda não chegou na Baía, então eles estão tentando a todo custo manter o único lugar com perspectiva de desenvolvimento e preservação das diferentes espécies.

No desenvolvimento do projeto, Nathan era responsável pelos textos, Nina pela diagramação, Henrique fotografava e entrevistava os pescadores e Thainan era o ilustrador e auxiliava na diagramação. A embalagem do livro é uma rede usada e produzida pelos pescadores.

– É uma forma de captar recursos para a comunidade: eles produzem a rede e nós revertemos parte do valor do livro para eles. Eles ficaram muito felizes de contribuir, e nós somos agradecidos por isso – afirma Nina.

Histórias de Pescador já está concluído, mas os alunos foram incentivados pelos professores a trabalharem com uma distribuição em larga escala. O grupo está à procura de investidores que acreditem na importância das histórias e queiram contribuir na distribuição do livro.